



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

A PÍLULA ANTICONCEPCIONAL E A MEDICALIZAÇÃO DO FEMININO - UMA LEITURA COM PSICANÁLISE

Nathália Tavares Bellato Spagiari¹

Sílvia Nogueira Cordeiro²

A partir da década de 1960, com a disponibilização da pílula anticoncepcional nos EUA, as mulheres se colocaram na sociedade além do âmbito maternal. O modelo médico reconhecia o corpo feminino como portador de órgãos reprodutores que possibilitaram o gestar. Nisso, a atenção médica voltou suas pesquisas para o útero e os ovários e, descobriu-se os hormônios sexuais. Após pesquisas, estabilização e confecção dos hormônios sexuais artificiais, os cientistas em conjunto com a indústria farmacêutica procuraram uma ‘doença’ para o uso do hormônio (May, 2010; Manica, 2009; Nucci, 2012). Criou-se um medicamento que fosse administrado oralmente e mimetizasse a menstruação, visando a menor repercussão no ciclo menstrual e a maior aceitabilidade pelas mulheres, a pílula (Manica, 2009; Nucci, 2012). Inicialmente, o efeito contraceptivo foi propagado pelas próprias mulheres, pois, a vigência da Lei Comstock, de 1873, impedia a veiculação de informações tratadas com depreciativas da moral, como a contracepção. Com isso, as mulheres passavam esclarecimentos sobre a pílula em cartas e, como também, a própria pílula; assim, tramitava-se a própria pílula entre as mulheres. Para o Ministério da Saúde no protocolo “Cadernos de Atenção Básica 26: Saúde sexual e saúde reprodutiva”, ela possui outros efeitos além de impedir a concepção,

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina-PR. Especialista pelo programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher (2014-2016), em Clínica Psicanalítica (2017-2018) ambos pela UEL; e, especialista em Fundamentos em psicanálise de Freud a Lacan (2018-2019) pela Faculdade Positivo Londrina. Atua como psicóloga clínica de adultos e adolescentes no Centro de Saúde Aequilibrium, Londrina-PR. E-mail: nspagari@gmail.com

² Docente Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

como: ciclos menstruais regulares e diminuição no fluxo; cólicas menos dolorosas; até alterações de humor, como depressão e menor interesse sexual, nervosismo, dentre outros (Brasil, 2013). Estes efeitos colaterais podem ser mais intensos para algumas mulheres, desencadeando busca por tratamentos para amenizá-los – como a terapêutica psiquiátrica. As repercussões da pílula foram desde a separação do sexo do âmbito exclusivamente reprodutivo até o campo laboral das mulheres (Pedro, 2003). Logo, os modos de se viver a sexualidade perpassam escolhas do sujeito e implicam em sua subjetividade. Para tanto, objetiva-se refletir sobre as implicações da escolha do uso da pílula pelas mulheres na atualidade partindo de uma leitura com a psicanálise sobre a medicalização do corpo feminino e como a mulher se constitui mulher e o feminino pela visada psicanalítica. Freud desenvolve a psicanálise ao ouvir as mulheres e desordens uterinas, como o autor as nomeia - históricas -, e proporciona uma escuta além do corpo (Alonso, 2011; Belintani, 2003; Freud, 1893-1895/1996). Este corpo, enquanto constituído a partir da linguagem e erogeneizado devido sua relação com o Outro, e o proporciona formas em que o sujeito lida consigo e os demais (Alonso, 2011; Fuentes, 2012; Pacheco, 2017). O corpo toma outra dimensão, sendo esse ligado e significado por representações culturais e sociais, ou seja, é construído em relação aos demais sujeitos e a linguagem. Essa, se faz barreira entre o real pulsional, proporciona um rompimento com a satisfação total da pulsão e permite a entrada do sujeito na cultura com a instauração da metáfora paterna no complexo de Édipo, isto é, a linguagem rompe a ligação direta do sujeito com o mais natural de seu corpo instaurando a possibilidade de inúmeras formas dele se relacionar com o corpo (Fuentes, 2012; Pacheco, 2017). Portanto, Freud possibilita um encaminhamento - enlaçado com o corpo, entretanto, ausenta a exclusividade neste - para o psíquico e a neurose, como também, coloca o feminino em questão (Alonso, 2011; Belintani, 2003). O feminino pouco elaborado por Freud, este o coloca como um continente negro, aquilo que não se sabe muito bem o que é, dá início e deixa em aberto o que seria o feminino



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

para a psicanálise (Freud, 1925/2018; 1931/2018). Para Freud (1925/2018; 1931/2018), a menina teria como saída a feminilidade pela via da posição passiva e da maternidade – traz outras saídas do complexo de Édipo na menina pela masculinidade e a inibição –, sendo ela, a única propriamente feminina, a busca de dar um bebê ao pai edípiano. Pacheco (2017) questiona essa via da feminilidade apontada por Freud por indagar se a maternidade não é uma posição ativa da mulher, e não passiva trata o pai da psicanálise. Um apontamento feito pela autora (Pacheco, 2017) é sobre a formação inconclusiva do superego na menina – uma vez que não possui o falo, não se tem o que perder –, logo, ausenta-se o caráter total da lógica fálica para a menina, como trata Lacan no desenvolvimento de sua teoria sobre a sexualidade feminina e o feminino (Fuentes, 2012). Isso permite uma vivência diferenciada no trato com o corpo, ocorre um superinvestimento narcísico no corpo como objeto fálico (Pacheco, 2017). Lacan aborda o feminino reordenando o conceito como uma posição frente a falta evidenciada no complexo de castração – por isso, a lógica do não-toda fálica ser propriamente do feminino lacaniano – e a relação estabelecida entre os tipos de gozo: o fálico e o suplementar ou Outro (Fuentes, 2012; Pacheco, 2017). A metáfora paterna instaurada no complexo de Édipo proporciona a entrada no simbólico, sendo assim, a ordenação da lógica fálica que proporciona a lida com a cultura e sociedade dos sujeitos, põe o inconsciente em funcionamento. Essa lógica fálica também diz respeito ao gozo fálico, ligado ao lado masculino da teoria da sexuação lacaniana, já o lado feminino, ligado a lógica do não-toda proporcionaria um gozo do corpo, um gozo além do simbólico (Fuentes, 2012; Pacheco, 2017; Previdello, Salvador, & Palma, 2019). Logo, o feminino lacaniano propõe a visada do gozo suplementar experienciado na posição feminina, gozo atrelado ao real pulsional, o mais do impossível pois ultrapassa a linguagem (Fuentes, 2012; Pacheco, 2017). Atualmente, a pílula possibilita uma escolha de vivenciar o corpo e lidar com as questões do feminino de um modo outro, isto pode corroborar com “a mulher é tanto mais feminina quanto



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

mais deseja ser outra coisa” em que Maria Rita Kehl (1996; 2016; 2018) aborda ao discutir o bovarismo e a psicanálise. Ao discutir os encaminhamentos no feminino da literatura de Flaubert – escritor de Madame Bovary – e em outras publicações suas, Kehl (1996; 2016; 2018) indaga sobre as históricas freudianas e sua lida com um corpo convertido em sintomas e a possibilidade de esse corpo ser re-tratado de outra maneira na atualidade, tanto quanto o próprio psiquismo e o posicionamento social lutado pelas mulheres nos últimos séculos. Após o desbravamento social pelas mulheres na época das revoluções Francesa e Industrial, lançaram-se no mercado de trabalho e exigiram equidade de direitos e lugar social, saíram dos lares e alcançaram novos meios de produção simbólica, como o laboral. No entanto, novas questões foram suscitadas com a lida com o social e a singularidade de cada mulher, viabilizou-se o aparecimento de novas formas de se relacionar com as pessoas e com suas questões propriamente ditas: o corpo, a maternidade e o feminino, por exemplo. A autora aponta que a lei posta na época ia além da proibição do incesto, e sim, uma lei contra a sexualidade que prostrava a mulher no domínio do lar e do homem, pai e marido, impossibilitando a sublimação da pulsão das mulheres, e elas, convertidas em históricas a serem psicanalisadas. A lei contra a sexualidade proposta pela autora repercutiu diretamente no infantilismo das mulheres, pois, uma vez ausentes dos prazeres e formas de lidar com seu corpo, ficaram relegadas a maternidade como feminino possível, o que corroborou com a teoria freudiana do feminino. Agora, com a modernidade e a peleja por um lugar social além do doméstico, as mulheres se viabilizaram novos femininos, feminino além do vivido por Emma Bovary de Flaubert (Kehl, 1996; 2016; 2018). Logo, uma leitura sobre a pílula na atualidade com a psicanálise pode permitir uma construção outra do feminino por cada mulher, contudo, sem desconectar os efeitos físicos suscitados por ela englobando e se misturando ao que é o feminino hoje.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Palavras-chave: Pílula Anticoncepcional; Feminino; Medicalização; Sexualidade; Psicanálise.

Referências

- Alonso, S. L. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino: Reflexões* (J. de V. Güntert, Ing Bernd; Güntert, Eds.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Belintani, G. (2003). Histeria. *Psic: Revista Da Vetor Editora*, 4(2), 56–69. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Freud, S. (1893-1895/1996). “Estudos sobre a histeria”. In S. Freud, *Estudos sobre a histeria (1893~1895*, Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol II. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1925/2018). A feminilidade (Conferência XXXIII). In S. Freud, *Amor, sexualidade, feminilidade* (Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7)
- Freud, S. (1931/2018). Sobre a sexualidade feminina. In S. Freud, *Amor, sexualidade, feminilidade* (Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica. (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7)
- Fuentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença: Masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade* (2ª ed.). São Paulo: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2018). *Bovarismo brasileiro: Ensaio*. São Paulo: Boitempo.
- Manica, D. T. (2009). Contracepção, natureza e cultura : Embates e sentidos na etnografia de uma trajetória. Retrieved from <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280698>
- May, E. T. (2010). *America and the pill: A history of promise, peril and liberation*. New York: Basic Books.
- Ministério da Saúde (2013). *Cadernos de Atenção Básica 26: Saúde sexual e saúde reprodutiva*.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Nucci, M. (2012). Seria a pílula anticoncepcional uma droga de “estilo de vida”? Ensaio sobre o atual processo de medicalização da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (10), 124–139. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400006>

Pacheco, A. L. P. (2017). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Agente Publicações.

Pedro, J. M. (2003). A experiência com contraceptivos no Brasil: Uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*, 23(45), 239–260. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100010>

Previdello, J. P. G., Salvador, I. N., & Palma, C. M. de S. (2019). O corpo ao pé da letra: O sintoma entre o saber e o gozo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro*, 19(1), 166-186. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43012/29723>